



GT 71. Questões ético-metodológicas em pesquisas com crianças

Coordenador(es):

Emilene Leite de Sousa (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Flávia Ferreira Pires (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria do Socorro Rayol Amoras (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este GT visa reunir trabalhos que contribuam na reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos. Selecionaremos propostas sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo com crianças, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; métodos combinados, as crianças como co-investigadoras. Do ponto de vista ético, quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos? Assim, através do debate sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos, - que ainda são pouco ouvidos pela antropologia mainstream. A importância deste GT é reforçada no atual cenário político, em um contexto de cortes de verbas e recursos para pesquisa. Os impactos serão inevitáveis, o que fortalece a importância de pensarmos nossas metodologias de pesquisa em tempos de crise. Aqui a pesquisa aparece como um ato de resistência e sua divulgação imperativa.

Nas encruzilhadas do lúdico: desafios metodológicos da pesquisa com crianças candomblecistas.

Autoria: Mariah Francisco Moreira (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

A partir da indagação sobre a criança ser ou não considerada um objeto legítimo e central para a pesquisa antropológica, algumas questões teórico-metodológicas afloram. Tais como as abordagens de campos e sujeitos, a fim de se discutir impasses, principalmente sobre a legitimidade da narrativa infantil. Da experimentação do sagrado vivenciada por duas ?filhas de santo? de candomblé, tanto em seu ?barracão?, como na vida cotidiana, busco compreender dilemas ético-metodológicos da pesquisa com crianças, conjugados às negociações de suas agências. Para tal, realizei observações e entrevistas qualitativas abertas de roteiro semiestruturado com duas crianças, a ?Iyarobá Sarah de Yemonjá? (11) e com a ?Fomotinha D? Airá Yasmin? (7) em seu ?Ilê?, localizado na cidade do Rio de Janeiro, no Bairro da Praça Seca (Zona Oeste), cujo nome será ocultado como estratégia para preservação das respectivas crianças e de seu ambiente sagrado. Aqui, os nomes iniciáticos escolhidos pelas crianças configuram tanto um anonimato ético para a pesquisa em si, como realizam também um movimento contrário, tornando possível a evidência da criança enquanto sujeito religioso, pertencente a um determinado lugar permeado por vastas dimensões socioculturais. Ademais, o que pretendo aqui, também, é discutir sobre como elementos (I) orais, (II) materiais e (III) artísticos são componentes importantes na manifestação da voz do sujeito infantil, por vezes desvanecida pela repreensão do ?lúdico? atrelado às suas construções de mundo. A mescla do ?lúdico? com o ?real? deve ser vista como fonte de riqueza inestimável para investigações nas áreas das humanidades, pois diversos fragmentos de aspectos mentais e emocionais são palpáveis e atravessam instituições, basta



analisar as alteridades de quem experimenta o viver desta forma.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: